

FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

Boletim Informativo - Janeiro 2020 - ANO V - Nº 53



Saúde do Trabalhador: a ficha não cai

EDITORIAL*

Tudo indica que nada mudará. Ou, para não ser pessimista, pode ser que mude...um dia. O acidente de trabalho só aumenta, basta olhar para o lado ao atravessar a rua. Só que agora, o menino de UBER-EATS na bicicleta com a cabeça sangrando junto ao meio-fio não é um acidente de trabalho. É um acidente de ... bicicleta. Não entrará p'ras estatísticas. Aliás, para que têm servido as estatísticas, há décadas? Talvez, o menino, que poderia ser nosso menino, que deveria ser nosso menino, não tem patrão, não tem seguro, não tem plano de saúde, não tem futuro. O que ele tem, aliás, o que ele tinha, caso esteja morto ou inválido para sempre? A única coisa que ele tem (ou tinha) era uma dívida com o aluguel da bicicleta (ITAÚ?), sua mãe diarista, um pai desempregado e um irmão de dez anos, faminto em casa, tomando conta de sua irmãzinha de cinco. A ficha não cai. Nem para o nosso menino, caso ele sobreviva e volte a “trabalhar” sabe lá daqui a quanto tempo. Ele quer ganhar dinheiro, ficar rico ... Na igreja onde vai às vezes ensinam-lhe que é possível (ficar rico, basta dar o dízimo). Seus colegas de infância, os que ainda não morreram, apostam nisso e garantem também que é possível. E que vão chegar lá. Por enquanto, esperando no hospital público sucateado, na maca do corredor, nosso menino sonha em voltar a “trabalhar” e fazer um plano de saúde. Ele até tem um amigo que já fez e está se dando bem. É baratinho... Alguns dias depois, já na enfermaria, as coisas melhorando, ele já sonha mais alto. A televisão da enfermaria insiste em mostrar, nos intervalos da novela, o TIGGO 7. Quem sabe, ele possa trocar a bicicleta por um TIGGO 7? CAO A CHERRY? É isso? Ele até aprendeu o nome. Subir na vida, finalmente. Virar UBERMAN de carrão. A ficha não cai. A Mega Sena acumulou de novo. Nem tem mais a escola p'ra atrapalhar seus planos. Nosso menino perdia muito tempo indo à escola. Aquelas coisas chatas que não servem p'ra nada. O presidente e Jesus estão do seu lado. O único problema é que ele ainda não consegue mexer com as pernas. Os meses passando, a ficha não caindo e nosso menino sonhando. Parece que entrar p'ras Forças Armadas também é bom. Assim diz a propaganda. Mas, se tiver que estudar, como ele vai fazer? TIGGO 7 volta à sua cabeça. E as pernas?

Nesta edição

Editorial – Saúde do Trabalhador: a ficha não cai	1
Série – Os grandes crimes [nº 2 – Gameleira...]	2-3
Artigo do mês – Trabalho E... Delírio	4-5
Perfil Sindical – Sindicatos unidos...	6
Trabalhadores Anônimos – Seringueiros da Amazônia	7
Saúde do Trabalhador é ARTE...	8-9
Informes	10

A ficha não cai e nem vai cair. Não caiu nessas dezenas de anos em que os governos não deram a mínima para os trabalhadores e muito menos para os seus adoecimentos, as suas mortes, seus sofrimentos. E agora, frente à perversidade orquestrada do desmonte de direitos dos trabalhadores, principalmente para a sua saúde, se a ficha caiu foi para os próprios trabalhadores, os sindicatos, as centrais sindicais, as organizações. Caiu a ficha. E caímos todos juntos. Sem lenço, sem documento é a nova ordem do trabalho. Para quem determina a nova ordem do trabalho, a ficha não cai.

Não conseguem ver que seu cinismo e sua fé cega no mercado autorregulado, no empreendedorismo predatório e cada vez mais competitivo, na criação de modalidades esdrúxulas de contrato de trabalho e na transformação de meninos, como o nosso menino, ainda hospitalizado, no SUS, diga-se de passagem, em meninos iludidos, é uma bomba-relógio.

Meninos iludidos por algo que tem vários nomes, nem é possível enumerá-los de tantos, mas um se destaca: GRANA.

Os valores humanos, da educação, da cultura, da solidariedade, de uma sociedade de iguais, sem privilégios, sem ostentação, sem discriminação e sem injustiças sociais foram apagados para dar lugar a uma coisa única, que se aproxima de DEUS, em sua magnitude: GRANA. Nosso menino já mexe as pernas. Vai fazer fisioterapia no SUS mais alguns meses, sonhando em sair de lá e fazer um plano de saúde. Já começa a pensar como vai pagar a bicicleta. Progresso. Seu irmão, o que cuidava da irmãzinha menor morreu de “bala perdida” enquanto ele estava internado. Agora, mais do que nunca, ele precisa de GRANA. Sua mãe não tem ido trabalhar, com problema de coluna. Está sem GRANA. Mas ele está cheio de esperança. Já move bem as pernas, já está pensando em voltar a jogar a pelada dos domingos. No ano que ele ficou peregrinando nos hospitais do SUS ele viu que o Flamengo arreventou. Quem sabe ele não volta a tentar um teste lá no Ninho do Urubu? Mas, ainda que não passe no teste, cheio de esperança, ele tem certeza de uma coisa, onde quer que ele vá, ele vai ganhar muita GRANA. A ficha não cai. ■ ■ ■

*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

SÉRIE
SÉRIE

OS GRANDES CRIMES NÃO DEVEMOS ESQUECER

Nº 2

Parque de Exposição da Gameleira/Belo Horizonte/MG



Fonte: Acervo O Globo (05/02/1971, Matutina, Geral, p.1)

Resumo

O parque da Gameleira (Parque de Exposição Bolívar de Andrade), Belo Horizonte/MG, estava sendo construído desde 1969 para abrigar exposições agropecuárias. O desabamento às 11:45h de 04/02/1971 (Governo Médici da ditadura militar) foi uma tragédia anunciada pelos operários e ignorada pelo Governador Israel Pinheiro cuja premência em ver sua assinatura na realização tornou-o culpado pelo assassinato de 69 trabalhadores e mais de 100 feridos, muitos mutilados. Até 25/01/2019, ocupava o lamentável ranking de maior acidente de trabalho brasileiro, quando foi superado pelo recente crime de Brumadinho (250 mortes confirmadas; 20 desaparecidos). Laudos periciais: ausência de engenheiro responsável; retirada precoce e inadequada do escoramento; e resistência fora dos parâmetros definidos pelo calculista Joaquim Moreira Cardozo (vide p.58). Este acidente de trabalho 'ainda' não foi superado no ranking de longevidade (48 anos) das demandas judiciais decorrentes de acidentes de trabalho cujos verdadeiros culpados continuam impunes e as vítimas não conseguem a 'acalentada' reparação 'irreparável' de danos.

É muito estranho resguardar a placidez dos
"Crimes do Estado contra a Saúde-Trabalho-Ambiente!"

Caros leitores, convido-os a iniciarem esta conversa sobre o segundo crime do Estado abordado em nosso Boletim: o "Desabamento da Gameleira". Compartilho que resgato essas memórias para homenagear as vítimas e suas famílias e bradar por justiça sabendo que a que temos 'enxerga claramente' o lado do poder. Ratifico o valor do saber dos trabalhadores, neste caso sobre as falhas nos processos e organização do trabalho, que corrigidas em tempo teriam evitado mortes e mutilações. Na Gameleira, a tragédia 'também' foi anunciada. Entrevistado pelo "Estado de Minas" no dia seguinte ao desabamento, o carpinteiro Antônio Miranda declarou que a estrutura da construção estalava (A Nova Democracia, 2006). Os operários da obra avisaram sobre fissuras nos alicerces e do perigo de desabamento. Israel Pinheiro, Governador de Minas Gerais, desejava concluir as obras dentro de seu mandato e ordenou a aceleração e a retirada das vigas de sustentação. Sua pressa vaidosa matou de imediato 69 trabalhadores. A evolução posterior dos mais de 100 feridos, que permaneceram internados por meses e sofreram amputações, culminaram, ao final, com 117 mortos.



"Crimes do Estado contra a
Saúde-Trabalho-Ambiente!"

(Nº 1) Gran Circus Norte-Americano (Niterói/RJ) 17/12/1961

(Nº 2) Parque da Gameleira (Belo Horizonte/MG) 04/02/1971

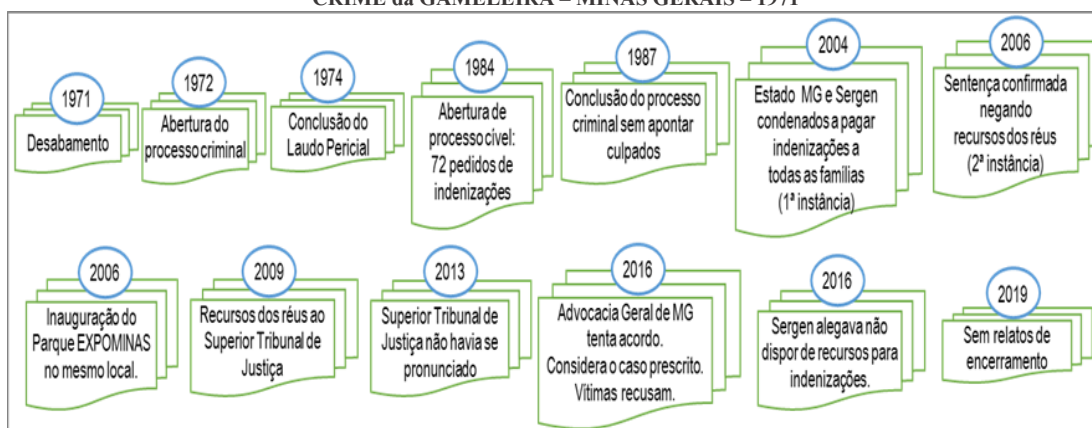
PRÓXIMO

(Nº 3) Elevado Paulo de Frontin (Rio de Janeiro/RJ) 20/11/1971

Laudos periciais, utilizados pela Justiça/MG na sentença de 2006 (35 anos após o crime), concluíram que a obra não possuía um engenheiro responsável desde seu início até o colapso, o tempo de cura do concreto foi aquém do necessário para a retirada do escoramento, a resistência estava fora dos parâmetros definidos pelo calculista e "o método para retirada do escoramento, embora não tenha causado a ruptura, impediu que se avaliasse previamente o desempenho da estrutura, permitindo que o desabamento ocorresse de maneira completamente imprevista". Concordamos com a fala do Desembargador Sebastião Geraldo de Oliveira (TRT-MG) "*Acidentes não acontecem por acaso. Acontecem muito mais por descaso*" (Fantástico, 03/04/2016).

A ladainha do processo de reparação de danos às vítimas continua inconclusa. A impunidade e o acobertamento têm sido a regra. Foram condenados em primeira instância o Engenheiro e Poeta Joaquim Moreira Cardozo e o Arquiteto Ernesto Breitingen. Joaquim Cardozo, calculista de Niemeyer, perplexo e deprimido com o desabamento, abandonou o escritório e faleceu em 1978 sem saber que todos os réus seriam absolvidos em 2ª instância.

OS GRANDES CRIMES NÃO DEVEMOS ESQUECER

LINHA do TEMPO do DESCASO do PODER POLÍTICO e JURÍDICO com os TRABALHADORES
CRIME da GAMELEIRA – MINAS GERAIS – 1971

O processo foi concluído em 1987 - 16 anos depois do crime - sem apontar culpados. Em 1984, 72 pessoas (vítimas e familiares) entraram na justiça comum e em, 2004 (1ª instância) e 2006 (2ª instância), a Sergen Engenharia e o Estado de Minas Gerais foram condenados a indenizar todas as famílias e recorrem da sentença do Juiz José Afrânio Vilela, considerada por especialistas um exemplo de reparação justa e humana. Valor estipulado das indenizações (TJ-MG): Danos morais: R\$ 30 mil para os casos de morte e R\$ 25 mil para os casos de invalidez. Danos materiais: 2/3 salário recebido na data do acidente como pensão da vítima falecida, até quando completasse 65 anos; Inválidos: pensão vitalícia. Acrescidos de atualização monetária e juros. A sentença em 2006 foi 'comemorada' em grande estilo e pompa pelo então governador Aécio Neves com a (re)inauguração da Expominas, o "monumento ao esquecimento" nas palavras de Maria Perpétua, mulher de Odilon Heredia, operário que se salvou da morte (por ter saído da obra para buscar um cigarro) para se tornar prisioneiro das lembranças do acidente (Fantástico, 03/04/2016).

Em 2016 - 45 anos após o crime - os verdadeiros réus continuavam impunes. Trata-se, até o momento, de uma das mais prolongadas demandas na justiça trabalhista.

A Sergen Engenharia, condenada em 2006, continua recorrendo. Recursos judiciais infundáveis, morosidade processual, 'conluio' entre poderes executivo e judiciário e protecionismo 'legal' às empresas privadas continuam despidoradamente a abusar da vulnerabilidade social dos operários e suas famílias.

O Gameleira foi projetado por Oscar Niemeyer, edificado pela Sergen Engenharia, a Sobraf preparou as fundações e a responsabilidade pelos cálculos a encargo do escritório Joaquim Cardozo. A Sergen Engenharia iniciou sua atuação em 1961 com a instalação de Brasília e continua em atividade, inclusive no Rio de Janeiro, tendo se responsabilizado por importantes edificações (Palácio da Justiça/BH, Biblioteca de Manguinhos/Fiocruz e Hospital Geral de Saracuruna/RJ, entre muitos outros).

Sem contar as inúmeras premiações relativas à segurança na construção civil, segundo a Associação de Empresas de Engenharia/RJ, a menção "por ter atingido excelência no atendimento à saúde do trabalhador dentro do canteiro de obras" (Prêmio Seconci-Rio de Promoção da Saúde no Canteiro de Obras, 1998) chega a ser irônica se não fosse estupidamente trágica, não acham? A falimentar Sergen Engenharia, segundo seus advogados, alegava em 2016 não ter condições de arcar com as indenizações. Tamanha desfaçatez chega a nos levar a duvidar das obras públicas que construiu, muitas bem próximas. O que terá acontecido com os recursos públicos investidos nestas edificações?

Não podemos calar sabendo que foram erguidas sobre corpos de trabalhadores mortos e esquartejados por toneladas de concreto. Enquanto a premiada Sergen recheia seus cofres sustentada inclusive pelas vítimas da Gameleira!

Interrompo nossa conversa para não cansar nossos leitores. Deixo-os com as palavras de Osmir Venuto (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil de Belo Horizonte em 2006). Lembra-se dos pedidos de ajuda dos amigos, muitos parcialmente soterrados precisaram ser amputados no local. "Os que não se acidentaram foram obrigados a limpar a área depois do desabamento", enfrentando a perda de amigos presentificados no odor putrefato da área. Resta clamar:

*"Pela mulher carpireira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague" (Deus lhe pague, Chico Buarque)*

E trazer mais artistas a esta conversa... ■■■

Pesquisa e Texto: Rosângela Gaze



"O Silêncio do Arquiteto"

(nomes das 117 vítimas da tragédia da Gameleira)
Exposição Lais Myrrha (Projeto Gameleira 1971)

artigo
do mêsNº 1 Trabalho E Corpo
Nº 2 Trabalho E Território
Nº 3 Trabalho E Emancipação

Nº 4 Trabalho E... Delírio

*Eguimar Felício Chaveiro**
*Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos***

Tudo é delírio. O amor, precisa dizer? Delírio ao chegar.
 Delírio ao saber que o amor é correspondido. Delírio ao sair.
 Às vezes violento - delírio puro -, de posse, dominação,
 negação da beleza do delírio de chegada.
 O desejo de enriquecer: delírio.
 O desejo da beleza e da força: delírio.
 O delírio na loucura é o atestado de sanidade.
 Loucos somos todos os que deliramos na “normalidade”.
 Governantes são delirantes em todos os quadrantes,
 deliram com a “eternança” de sua governança.
 Que nos apiedemos deles para não apedrejá-los.
 Juízes deliram de deuses. Rogam que a capa de Deus seja toga.
 Políticos de todos os matizes deliram por suas trajetórias
 inconsequentes e, tantas vezes, corruptas.
 Brancos supremacistas deliram na cor
 - inferior - o branco - a cor ausente do arco-íris -.
 Tripudiam do negro - a cor da noite - onde seu ódio e nojo descansam.
 Machistas deliram em seus pênis insuficientes e vencidos
 e vão se vingar no delírio covarde de suas covardias.
 Homofóbicos deliram em seus medos de serem descobertos
 - o delírio de meninos de não serem femininos -.
 Os delírios são profusos, tanto quanto são confusos os delírios
 que nos remetem a uma humanidade fora de controle.
 Mais do que profusos, os delírios são parafusos desatarraxados da
 ética que emoldura a pergunta: alguém pode ser só no mundo?
 Por se tratar de um texto que trata do trabalho e o delírio,
 é preciso mudar de rumo, sem mudar a direção. A direção é clara:
 escrever um texto sobre o trabalho deve tratar do delírio mais
 pernicioso da história humana: a sua exploração.
 Se o texto for examinado por uma junta de acadêmicos para decidirem
 se é publicável ou não em alguma revista homologada pela ciência,
 e já se sabe que não, ficaremos frente a frente com o delírio dos
 doutores. O delírio dos doutores é como se diz: o delírio dos doutores.
 Conseguem delirar acima dos juízes,
 os mais próximos ao delírio de Deus.
 Não é disso que tratamos aqui, embora muitos dos doutores
 são os que justificam, adivinhem o quê?
 Claro, a exploração do trabalho. Nosso tema.

O Brasil, por oportuno e a devida circunstância, é hoje
 o balão de ensaio do delírio planetário. Não há hoje
 país no mundo que, tendo vivido a democracia durante
 mais de 30 anos, reúna tantos elementos de extrema
 direita que sonha com a volta da tirania. E, extrema
 direita, em matéria de exploração do trabalho, é o
 delírio dos exploradores. Trabalho e delírio é um tema
 recorrente no nosso cotidiano. Basta uma pergunta:
 quantos torcedores entre o milhão que recepcionou
 o Flamengo campeão são explorados no trabalho,
 quantos trabalham, quantos são os desempregados,
 quantos deliram com seu time campeão enquanto
 o país chafurda na lama do desemprego e da crescente
 exclusão social da informalidade de segunda classe.
 Que delírio passa na cabeça de um menino UBER-
 EATS, com sua bicicleta entre os BMW e Jaguares de
 seus exploradores no trânsito delirante das grandes
 capitais brasileiras? Hoje seriam 200 mil, 500 mil?
 O IBGE está, um tanto, digamos, convidado a não se
 manifestar com precisão. Vamos exercitar nosso delírio
 de pesquisadores. Os nossos meninos ciclistas têm
 um delírio inicial: ficar ricos. Em um ou dois meses,
 seus delírios mudarão de patamar: desejarão não ser
 atropelados. Os que sobreviverem delirarão com férias,
 aposentadoria, essas coisas fora de moda...
 Os atropelados delirarão com um sistema de saúde
 gratuito e universal, tipo SUS, por exemplo.
 Aí, com o desmonte assassino da saúde serão
 internados, não no SUS, mas nos manicômios que vão
 voltar em breve, pois assim desejam os donos do poder
 (econômico, político etc...) e, claro, os médicos que
 deliram com o dinheiro que ganha(va)m com a loucura
 (dos outros). Ciclistas alçados à condição de
 delirantes reconhecidos por um Estado excludente e
 tirânico. Pelo menos serão reconhecidos...como loucos...



No século XIX, quando os trabalhadores se organizaram e começaram a entender o quanto eram explorados, se organizaram, foram à luta, fizeram opções políticas, conquistaram direitos, todos eles deliravam. Seus delírios eram por um trabalho dignificante, em que fossem considerados cidadãos, sem adoecer e morrer do trabalho. Puro delírio. Não sabiam que do outro lado havia uma força mais forte: o delírio do Capital. O delírio que não quer ser mais que Deus, quer comprá-lo.

Quando a luta dessas duas classes delirantes começou a se confrontar, a batalha foi renhida. Durou algo como duzentos anos, mas agora, está aí o resultado: a supremacia do delírio explorador sobre o delírio do explorado. Se a vitória do perverso delírio ainda não está garantida, está na hora de reciclarmos nossos delírios. Eles estão defasados. Por um delírio mais delirante.

O delírio da vitória no combate! Delírio. Delírios. Mudaremos de conversa novamente.

Uma das armas ideológicas do super e ultraliberalismo atual, num aliado abraço com nacionalistas conservadores, militaristas torturadores, pregadores de prosperidades, é afirmar que o trabalho morreu. Se morreu, não precisa haver luta pelo emprego, pelo aumento salarial e contra as perversidades que roubam direitos conquistados, às duras penas, num fio de décadas por sindicatos, movimentos sociais e organizações de trabalhadores.

Outra arma vem de intelectuais. Muitos pregam que o trabalho não é mais uma categoria de identificação das lutas coletivas. Portanto, não faz sentido os trabalhadores alvejarem objetivos comuns, lerem a exploração que sofrem, interpretarem o seu lugar no mundo, a educação precária dos filhos, a moradia precária dos parentes da mesma classe; a mobilidade precária que lhes massacram o corpo com solavancos do “trânsito infernal” que lhes rouba a saúde, o equilíbrio emocional, a energia libidinal.

Mas, ação ideológica, posta como delírio, ganha força, quando trabalhadores abandonam a leitura de suas condições, de seus sofrimentos, de suas experiências e delegam toda a precariedade de sua vida a uma causa religiosa. Em muitos casos, nesse delírio ideológico, preferem pagar díizimos, ajudarem na “obra”, orar, do que organizarem-se coletivamente. Deus lhes aparece - nesse tipo de delírio - como uma forma de entorpecimento de sua realidade, do que são e do que fazem. Mais delirante é acreditarem na salvação, entregando a sua vida ao adoecimento, e aceitarem a exploração sob o beneplácito da glória salvadora. Como se vê, o delírio têm várias pontas - e vários caminhos -. Parece não interessar ao trabalhador substituir a sua vida concreta em torcer - delirantemente - por um time de futebol que pode ser resultado de maquinações da relação entre corporações capitalistas, marketing, negociações políticas. É delirante os trabalhadores prostrarem-se diante de divindades, mitos, goleadores endinheirados, ídolos suspeitos; calarem-se diante da tragédia social em nome de sonhos de riqueza, glória, sucesso pessoal. A operação delirante, quase sempre oblitera a visão da concretude do trabalho. Ao obliterar controla a emoção do trabalhador; esse controle se dá de várias formas, seja arrefecendo a sensibilidade em nome de selfies, arriscando a vida em esportes radicais, submetendo-se ao ser superior, reduzindo a vida ao prazer sexual, vivendo a própria vida a partir de personagens de novela e de cinema. As máquinas produtoras de delírio querem controlar a emoção do trabalhador, deslocar os seus gostos, os seus desejos, as suas experiências do seu mundo objetivo. Fazer o trabalhador delirar é deslocá-lo da experiência de sua classe - e de seu mundo -. Isso é feito quando os trabalhadores internalizam códigos dos dominadores como sendo seus - e fazem desses códigos a sua visão de mundo -, distorcidos do seu dia a dia. Na vida concreta não há delírio, a não ser o delírio de ver o filho nascer; de abraçar um amigo; de cantar uma música com o colega mesmo sem a rubrica da afinação melódica; de distribuir a comida da própria mesa para os seus e o fazer com apetite amoroso; de dar uma flor à amada e um beijo com o coração alegre. A emoção do trabalhador - sob a mira das máquinas liberais - é alvo do delírio de massa. O trabalhador não pode sabotar a si mesmo. Não se sabotar é não delirar no delírio que o aliena. Há uma única forma do trabalhador entregar-se ao delírio: reconhecer algo muito simples - é o trabalho digno que produz um mundo delirantemente mais justo e mais solidário -. ■■■

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jomais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe!

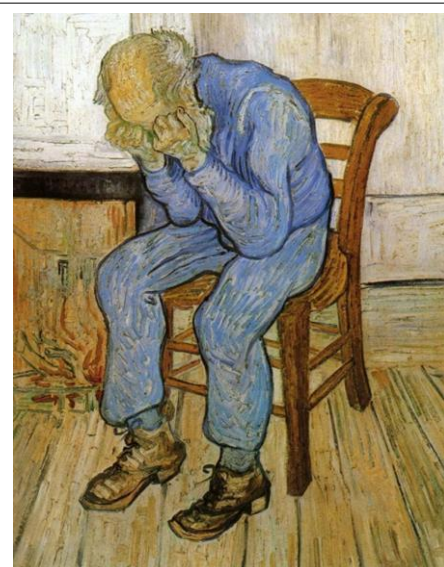
** Eguimar Felício Chaveiro. Geógrafo,
livre docente na Universidade Federal de
Goiás e pós-doutor em Saúde Pública
pela ENSP/Fiocruz*

*** Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos.
Pesquisador do Depto. de Direitos
Humanos, Saúde e Diversidade
Cultural da Ensp/Fiocruz*

Os artigos desta seção são cartas de resistência, escritas por pessoas que ainda acreditam que os trabalhadores são seres humanos. São cartas de resistência escritas para os que se acham donos do país, ora por serem políticos, juízes e governantes que defendem o poder econômico - dos que tratam os trabalhadores como animais de caça -, ora por serem cidadãos omissos que sustentam o adoecimento e a morte no trabalho.

**Fórum Intersindical
Condenados a Perseverar
(Amadeu Alvarenga)**

VAN GOGH [1890]
Homem velho com a cabeça em suas mãos
Kroller-Muller Museum



<http://mundo-e-arte.blogspot.com/2014/08/pintura-vincent-van-gogh-18.html>

PERFIL
SINDICAL

Sindicatos unidos jamais serão vencidos!

As Oficinas Temáticas do Fórum Intersindical (25 de outubro e 29 de novembro) trouxeram a voz dos trabalhadores e trabalhadoras sobre o que se passa no Brasil de hoje, em que os direitos vêm sendo atacados e, nesse cruel ataque, os sindicatos de trabalhadores são uma espécie de cobiças da crueldade em termos de retirada de direitos dos trabalhadores. Nesse espaço, durante algumas edições do Boletim, vamos trazer as falas sintetizadas de todos os dirigentes sindicais que participaram das Oficinas.

A 1ª mesa (25/10/2019) foi coordenada por Hermano Castro, diretor da ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca], com a participação de Paulo Henrique (Sindicomercio); Gilberto Leal (Sindibancários); Olímpio (Sind. Asseio e Conservação);

Luiz Antonio (Sinttel); Jesus (Sindimetal) e Sandro (Sindsaúde). O primeiro a se manifestar foi Luiz Antonio Silva, presidente do Sindicato de Telecomunicações / RJ e dirigente da [UNI Global Union](#), entidade internacional que congrega trabalhadores do setor de serviços no mundo.

A seguir, uma breve síntese da fala de Luiz Antonio. Ele ressaltou a necessidade de se ter uma visão global, observando a crise do capital e o avanço das políticas conservadoras no mundo globalizado. O fenômeno novo que surge como resposta aos problemas do capital é o avanço das políticas neoliberais e do conservadorismo no mundo inteiro. “Não somos diferentes, a eleição de Bolsonaro é reflexo do que acontece em boa parte do mundo.” As políticas conservadoras, de privatização, o ataque à cultura, à ciência, ao movimento sindical é permanente. Muitos países passam por reformas da Previdência, mas existe resistência. Recentemente, houve uma greve importante nos EUA, com trabalhadores metalúrgicos da General Motors reivindicando direitos para os trabalhadores parciais iguais aos dos trabalhadores plenos da empresa. Esse foi o mote da greve. É uma greve importante para o Brasil, pois no governo Temer as reformas atingiram os direitos dos trabalhadores. O Teto de Gastos, que congela recursos orçamentários e investimentos principalmente nas áreas de educação e saúde. A Terceirização que liberou a atividade-fim, fragmenta e precariza o trabalho e também a saúde, em virtude dos problemas de saúde decorrente da precarização do trabalho. Luiz Antonio comentou ainda sobre a Reforma sindical e trabalhista e a perda do referencial sindical: “Os sindicatos são a porta de entrada dos direitos da população.” Disse que se tem que legislar mais para garantir mais direitos e não retirá-los. Especificamente sobre a saúde do trabalhador, a transformação do mundo do trabalho com a digitalização cada vez mais se torna dramática, com a intensificação cada vez maior do trabalho. Os bancários sabem disso muito bem, principalmente pelas doenças mentais e o assédio moral.

LUIZ ANTONIO
&
SANDRO ALEX



Foto: Marcel Caldas

Finalmente, Luiz Antonio ressaltou o debate numa “mesa interessante, bastante plural, de sindicatos diferentes e centrais diferentes, mas que têm objetivos comuns.”

Em seguida, apresentamos uma síntese da fala de Sandro Alex Oliveira, secretário geral do SindSaúde/RJ, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Seguridade Social da CUT, membro do Comitê Executivo da Internacional do Serviço Público, dirigente das Américas e membro do comitê mundial. Sandro falou sobre os problemas comuns de colonização desastrosa da América Latina, ressaltando a herança dos preconceitos de raça e gênero. Falou sobre os ciclos de golpe, no Brasil, a cada 30 anos, desde a República. “Nossa miséria não é obra do acaso nem de Deus, é algo produzido. Nós temos uma produção da miséria que tem um papel fundamental no modelo de capitalismo que foi pensado p’ro Brasil.” “Estamos vivendo na Era dos Idiotas, porque muita gente, inclusive com um algum nível de conhecimento intelectual que se se posta do lado errado da história em fazer defesas que seriam impensáveis - é uma idiotização da população.”

Sandro lembrou o tratamento dado aos servidores públicos, ora como marajás, depois como vagabundos e agora como os responsáveis por terem quebrado o Estado brasileiro. O capitalismo, no mundo, percebeu que tem dois lugares para lucrar, ou na especulação ou se apropriando dos recursos do Estado. O Brasil é um dos países em que mais se mata no mundo sem guerra declarada, o que impacta nas políticas públicas, principalmente de saúde pública. Assinalou que não há nenhuma atividade econômica que movimenta recursos como o da saúde e da educação. No caso do SUS, há uma destruição em curso.

A Constituição Federal está sendo desconstruída. E, finalmente, alertou sobre a proposta de emenda constitucional que desvincula o gasto mínimo orçamentário das políticas públicas, o que seria o desmonte total. ■■■

VEJA AS APRESENTAÇÕES COMPLETAS NO NOSSO CANAL YOUTUBE!

Fórum Intersindical

Se conseguirem acabar com tudo sobrarão os
trabalhadores p’ra começar de novo

Trabalhadores
Anônimos

Dando Visibilidade às
Identidades Sociais

“Viva o soldado, brasileiro / Seu produto servirá o mundo inteiro”*

* refrão do hino dos
soldados da borracha

Nesta edição dos Trabalhadores Anônimos compartilho fragmentos da história dos seringueiros acreanos na produção da borracha, que moveu a sociedade brasileira sem o justo reconhecimento, e das falas de Dona Vicência que nos deixou aos 84 anos em março de 2013 ([Acre Notícias](#)). O Acre nasceu da conquista dos seringueiros, no primeiro ciclo da borracha (1879-1912), e chegou a produzir cerca de 60% da seringa amazense. Mesmo assim, pelo Tratado de Ayacucho em 1867 (os habitantes do território possuíam o direito ao uso da terra), o Brasil concedia à Bolívia grande área de produção da borracha. Os brasileiros sentiam-se prejudicados e, quando os bolivianos decidem ocupar um seringal às margens do Rio Acre, iniciaram movimentos populares de defesa territorial visando impedir a transferência do controle da produção a uma empresa norte-americana. A revolução acreana partiu de movimento armado de Xapuri, sob o comando de Plácido de Castro, conquistando a incorporação do Acre ao Brasil no Tratado de Petrópolis assinado pelo Barão de Rio Branco ([Freire, 2013](#)). Esta não seria a única vez que esses trabalhadores iriam adoecer e morrer pelo país. Enfrentaram longa recessão no comércio da borracha brasileira após 1912. O Brasil que deteve o monopólio da borracha e foi grande fornecedor para as indústrias nascentes na Europa e EUA, especialmente a bélica e automobilística, perdeu terreno. Mudanças contrabandeadas (pelos ingleses) para a Malásia e plantadas lado a lado, com menor custo de produção, levaram ao desinteresse pelo nosso produto de custo mais elevado. Nossas seringueiras encontravam-se misturadas à floresta demandando maior tempo e quantitativo de trabalhadores na extração artesanal criada pelos indígenas. Uma vez mais os seringueiros do Acre (e desempregados de outros estados do Norte/Nordeste/Sudeste) atenderam à convocação da 'pátria' e, entre 1942-1945, integraram as forças aliadas aos EUA na produção de borracha para a Guerra. De malária, febre amarela, hepatite, picada de cobra, ataques de animais selvagens e acidentes morreram mais de 20 mil dos cerca de 53.000 "Soldados da Borracha", tendo em conta que o número correto de 'alistados' e baixas é desconhecido. Alguns destes "Soldados", que até hoje lutam por uma aposentadoria justa, foram entrevistados por Freire (2013, p.32) e no documentário "[Borracha para a Vitória](#)". Na CRFB 88, conquistaram uma aposentadoria de dois salários sem 13º salário e continuam lutando pela equiparação aos 'pracinhas' enviados à Itália. Destaque-se que o regime de trabalho dos soldados da borracha foi análogo ao da escravidão, sendo alguns menores de idade que sequer foram 'alistados'.

O SEMTA [Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia], criado pelo governo brasileiro em 1943 como parte dos esforços de Guerra, fornecia um kit de trabalho e sobrevivência na selva [calça azul, camisa branca, chapéu de palha, par de alpercatas, mochila, prato fundo, talher (colher-garfo), caneca de flandres, rede e um maço de cigarros] cobrado depois dos alistados.

Dona Vicência esteve neste contingente e seu sonho, como o de muitos outros combatentes, não se concretizou! A Seringueira Vicência Bezerra da Costa veio de Alto Santo/CE aos 14 anos com a família, trabalhou em seringais do entorno do Rio Xapuri e, nos últimos anos, mantinha a tradição culinária da região num restaurante de Xapuri. Os seringais ficam perto dos rios para facilitar o transporte da borracha e os seringueiros vivem em "colocações" no meio da Floresta Amazônica (Fig.2). Com a palavra, Dona Vicência:

O dia de um seringueiro começa a uma hora da madrugada [o látex endurece com o calor] Segue as trilhas, roça a estrada, sem horário... Você amanhece o dia e diz: Bons Dias! ... e a folha dela [da árvore] faz assim... Sobe na escada, risca a seringueira, coloca a tigela, verifica e repõe amoníaco [evita o endurecimento do líquido], escorre o leite da tigela para o saco que fica no chão... "[...] até umas 50 madeira, 200, 120..." ferra a borracha [cada seringueiro com sua marca de ferrar] armazena para o mateiro pesar e depois leva à casa de defumação. [...] as mulher cortava, xixi! Eu conheci mais mulher cortando mesmo do que homem. Se o marido adoecesse, a mulher ia parar? Vida dura dentro da mata, friagem, onças... mata mesmo, na mata [...] você tá de trás de um pau, tem outro aqui e eu não te vejo... A gente comia tudo, Macaco Prego, Guariba, Porco, Veado, Coati, tudo quanto era coisa nós comia ali [...]

A vida foi essa, trabalhar e fazer a borracha. ■ ■ ■



Dona
Vicência
(Freire, 2013)



Casa do Seringueiro - Foto extraída de vídeo de
Rosângela Gaze - Rio Branco/ACRE (1994)

Pesquisa e texto
[Rosângela Gaze](#)
janeiro 2020

A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram 'x' trabalhadoras, morreram 'y' trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■

Saúde do Trabalhador é Saúde do Trabalhador é ARTE ARTE

Saúde do Trabalhador é ARTE é a seção do Boletim que busca demonstrar que trabalhar sob o jugo da opressão, da discriminação e da exploração é arte. É pura arte trabalhar, onde quer que seja, para construir um mundo em que somente os que detêm os meios de produção, em conluio com um poder político que lhes sustenta, destroem a saúde dos que lhes enriquecem. Arte pura! Da capacidade de sermos artistas extraímos a capacidade de resistir e sonhar com um mundo em que a Arte pertença apenas àqueles que a fazem.

É por isso

De mim vem a força que move o capital
Este que me consome
Que me fere, me adoce e
Que me mata;

No ônibus ou no carro que te conduz
Na cadeira que tu sentas
Na água que tu bebes
Eu estou em todos os lugares;

E é por isso que eu preciso lembrar
Que ela é minha (a saúde)
Que o capital não pode comprar

Porque eu não posso negar a mim mesmo,
É por isso que eu não posso parar
E mesmo diante de tantos desafios
Vou resistir, eu vou lutar.

Mayara Marques

[Psicóloga CEREST Natal/RN]
dezembro 2019

BAR É CULTURA

No bar, gente em pé, fumaça, copos, bife com fritas, pastéis,
piano ao fundo, fumaça, gente entrando, gente no meio.
E eu aqui no canto, sozinho, de óculos escuros
e colírio na mão; ela, no outro canto, sozinha,
de batom roxo, abismos nos olhos e um Puig na mão.

E mais fumaça, conhaque, banheiro ocupado, vozes, vozes,
caixa registradora, gargalhadas e muita fumaça.
E eu aqui no canto, sozinho, sem óculos escuros
e um cigarro na mão; ela, no outro canto, sozinha,
com os olhos em mim, a perdição nos lábios
e o Puig já fechado na mão.

E garçons apressados, cubos de gelo, fumaça, sóbrios,
bêbados, caldo-verde, cinzeiros.
E eu lá, no outro canto, ao lado dela, com os olhos ardentes,
olhos ardidos e o coração na mão.

E fumaça, cheque, dinheiro, chave de carro,
copo que quebra, beijo que ameaça,
um homem entra, gorjeta, cafezinho,
mais dois chopes, um revólver na mão,
mais fumaça, gritos, correria e ela ao meu lado,
boca ensanguentada, um buraco na testa
e o Puig no chão.

Jairo da Costa Filho (1990)

INVISÍVEIS

Sobre um livro de
Fernando Braga da Costa

Homens como
arrebenta-pedra
que insiste
em existir
no estreito
espaço das
frestas
das calçadas

Uns teimosos
que vestem
macacões
cor de laranja
e andam pela
rua correndo
atrás do
caminhão.

Uns com
uniformes
gastos
que dormem
nas calçadas,
na folga do almoço,
em frente ao prédio
em construção.

Outros
que carregam
baldes,
vassouras,
limpam banheiros,
lavam calçadas
e mesas
de escritório.

Aqueles que
se enrolam
em roupas,
saem de casa
pela madrugada
nas carrocerias
e trazem a pele
lapeada.

Onde estão?
Que poema habitam?

Donizete Galvão

Enviado por Vilma Santana/BA



Seção de filmes e documentários

Borracha para a Vitória

Direção: Wolney Oliveira

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Lw4uK5bienI&feature=youtu.be>

Seringueiros do Acre, representados por Dona Vicência na seção "Trabalhadores Anônimos", participam deste documentário que registra uma das imperdoáveis passagens da república brasileira em que a Saúde foi/é negligenciada, a Seguridade Social nem sequer reparou danos e a Justiça continua cega aos vulneráveis. Os "Soldados da Borracha", iludidos pela oportunidade de saírem da miséria e cultivarem em terra úmida e fértil, contribuíram com a política varguista (1943-1945) alinhada aos EUA que precisavam 'desesperadamente' dos seringais brasileiros (abandonados desde os 1912), visto que os da Malásia (na mão dos ingleses) estavam bloqueados pelos japoneses. Getúlio 'seduziu' agricultores da seca com a promessa do reconhecimento como heróis de guerra, garantindo a produção e o financiamento norte-americano para projetos de industrialização. Num arco de memória, o documentário resgata os ataques alemães aos navios mercantes brasileiros cuja divulgação era proibida na época.

Duração: 54:37



Puig (Manuel) chegou a Recife sob o signo da sua obra *O Beijo da Mulher Aranha* (1976). O romance foi traduzido ao português em 1980, no Brasil, depois da abertura política. Em dois anos somou 11 edições e virou um best-seller nacional. A estória de dois homens encarcerados em uma mesma cela - um, por suas atividades subversivas; o outro, sob a acusação de corromper menores do sexo masculino - colocava na ordem do dia o passado político recente da América Latina e sinalizava para o preconceito da esquerda latino-americana quando o tema em questão eram as minorias, particularmente o universo homossexual.

<https://www.suplementopernambuco.com.br/ed%28C3%A7%28C3%B5es-antiores/85-chronica/441-o-recife-na-teia-de-manuel-puig.html>



Saúde do Trabalhador é ARTE

Alexandre Beck



Alexandre Beck (1972) é um ilustrador e cartunista brasileiro. Formado em Agronomia e Comunicação Social, começou sua carreira em 2000 no jornal Diário Catarinense, onde fazia ilustrações e publicava a tira cômica *República*. Em 2009, a pedido de um amigo que precisava de uma ilustração para uma matéria sobre economia, criou um personagem que viria a se tornar seu trabalho mais conhecido: *Armandinho*, um menino contestador em cujas tiras sempre são apresentados temas polêmicos, principalmente discutindo questões sociais.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Beck



Participe. Envie sua foto, seu vídeo, seu poema, seu texto, sua crítica, faça sua arte para registrar sua indignação com a forma como se trata a saúde dos trabalhadores no Brasil.

Saúde do Trabalhador é ARTE
Sem perder a capacidade de LUTARTE

INFORMES

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 31/01/2020 - 6ª feira - 09:00 às 14:00h

Oficina Temática

Leituras Caminhantes com PAULO FREIRE

DIHS/ENSP/Fiocruz

Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos

Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

Pista de subida em direção à Zona Norte

Fórum Intersindical
FormAÇÃO
InformAÇÃO
TransformAÇÃO
AÇÃO

Marielle
PRESENTE



Fórum Intersindical
Democracia participativa pela saúde no trabalho

Acompanhe a
COLUNA OPINIÃO
na página frontal superior do Blog
www.multiplicadoresdevisat.com

Nela você se atualiza diariamente com os temas
de interesse da saúde do trabalhador,
saúde ambiental, direitos humanos e
movimentos sindical e social.

São mais de 50 colunistas com experiência
e militância nessas áreas.
Dê sua opinião sobre as matérias e sugira novas.

Reunião do Fórum Intersindical em 20/12/2019 [Sindicato dos Bancários]
Oficina Temática: Balanço 2019 - Plano de Ação 2020



Foto: Marcel Caldas

Um brinde à Democracia e por novos tempos: Isabella, Daphne,
Marcia, Luciene, Luiza, Adelany, Ilquias, Fadel, Goretti, Sonia,
Rosangela, Nelma, Renato, Luiz Antonio, Laís, Botelho, Eguimar,
Lucia, Kique, Debora, Ronaldão e Ronaldo (escondidinho).

ASSISTA todas as OFICINAS TEMÁTICAS
no nosso Canal YouTube. Entre no blog
www.multiplicadoresdevisat.com
e se inscreva!

ENVIE suas FOTOGRAFIAS sobre SAÚDE
do TRABALHADOR para o nosso Boletim
www.multiplicadoresdevisat.com

ATENÇÃO VII CURSO INTERSINDICAL SAÚDE-TRABALHO-DIREITO

O curso é oferecido para dirigentes
ou pessoas indicadas de instituições
sindicais e representativas de
trabalhadores. A critério da
coordenação poderão ser aceitos alunos
e profissionais que estejam trabalhando
com o tema do curso. As aulas ocorrerão
em duas sextas-feiras do mês,
iniciando cada módulo na Oficina
Temática do Fórum Intersindical
(última sexta-feira do mês).
Fique atento ao início do curso de 2020

Inscrições
cursointersindical@gmail.com
Acompanhe a programação pelo Blog
www.multiplicadoresdevisat.com

ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre
saúde do trabalhador para a nossa seção artigo do
mês entre no blog www.multiplicadoresdevisat.com
e envie!!

Coordenação:

Luciene Aguiar (doutoranda Ensp/Fiocruz)

Isabella Maio (bolsista)

Marcel Caldas (operador de mídia)

Renato José Bonfatti (Cesteh/Ensp/Fiocruz)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (Dihs/Ensp/Fiocruz)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito
para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo